

## Escrevivências do corpo(política)fronteiriço: uma teorização conceitual

*Escrevivências del cuerpo(político)fronterizo: una teorización conceptual*

Viviani Cavalcante de Oliveira Leite<sup>1</sup>

Edgar César Nolasco<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho faz parte de um projeto maior (projeto de pesquisa de doutorado pelo PPGEL - Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens) propõe uma teorização epistêmico-conceitual acerca da *escrevivência* (conceito cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo) respaldada pelos conceitos de *exterioridade* e *fronteira* por meio de uma teorização que emerge a partir da (MIGNOLO) fronteira geohistórica, conceitual e epistemológica e vai além do que a epistemologia moderna acampou afim de (des)arquivar (DERRIDA) as histórias (bio)locais que foram suprimidas, excluídas e invisibilizadas por ela. A ideia centralizadora do ocidentalismo excluiu e desprezou qualquer ser/saber/pensar que não fosse o do “modelo”, assim, os saberes e sujeitos fronteiriços foram excluídos e ficaram de fora por destoarem do padrão moderno do sistema-mundo. Esse discurso hegemônico, moderno e colonial da ordem da interioridade, criou a exterioridade e relegou os sujeitos/saberes fronteiriços para este lugar, este beco/lugar de despejo marginal a partir do qual, em contraproposta ao projeto ocidentalista, (re)surgem os seres/saberes/pensares fronteiriços. Valeremo-nos de uma epistemologia de cunho crítico biográfico fronteiriço, uma vez que pensamos a partir de lócus e de corpos específicos. Assim, as escrituras negras serão pertinentes para ilustrar tal teorização conceitual. A metodologia do presente trabalho será de caráter eminentemente bibliográfico, desenvolvida, dentre outros, por críticos como Walter Mignolo e Edgar César Nolasco, através dos conceitos de *exterioridade*, *desobediência epistêmica*, *fronteira*, *corpopolítica* e *geopolítica*.

Palavras-chave: Escrevivência; exterioridade; fronteira; desobediência epistêmica.

### Resumen

Este trabajo es parte de un proyecto más amplio (proyecto de investigación doctoral de PPGEL - Programa de Posgrado en Estudios del Lenguaje) propone una teorización epistémico-conceptual sobre *escrevivência* (concepto acuñado por el escritor de Minas Gerais Conceição Evaristo) apoyado en los conceptos de exterioridad y frontera a través de una teorización que surge de la (MIGNOLO) frontera geohistórica, conceptual y epistemológica y va más allá de lo que la epistemología moderna ha acampado para (des) archivar (DERRIDA) las (bio) historias locales que han sido suprimidas, excluidas y hecho invisible por ella. La idea centralizadora del occidentalismo excluía y despreciaba cualquier ser / conocimiento / pensamiento que no fuera el “modelo”, por lo tanto, el conocimiento y los sujetos fronterizos fueron excluidos y excluidos porque no concuerdan con el patrón moderno del sistema-mundo. Este discurso hegemónico, moderno y colonial del orden de la interioridad, creó exterioridad y relegó sujetos / saberes fronterizos a este lugar, este callejón / lugar de desalojo marginal del que, en

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul; [vivianicoleite@hotmail.com](mailto:vivianicoleite@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professor Doutor em Literatura Comparada; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [ecnolasco@uol.com](mailto:ecnolasco@uol.com).

contrapropuesta al proyecto occidentalista, (re) emergen seres. / conocimiento / pensamiento fronterizo. Hagamos uso de una epistemología de carácter crítico biográfico en la frontera, ya que pensamos desde locus y cuerpos específicos. Por lo tanto, las escrituras negras serán pertinentes para ilustrar tal teorización conceptual. La metodología del presente trabajo será eminentemente bibliográfica, desarrollada, entre otros, por críticos como Walter Mignolo y Edgar César Nolasco, a través de los conceptos de exterioridad, desobediencia epistémica, frontera, corpolítica y geopolítica.

Palabras clave: Escrivência; exterioridad; frontera; desobediencia epistémica.

## 1. Resumo expandido

Este trabalho faz parte de um projeto maior (projeto de pesquisa de doutorado) e emerge a partir da fronteira-sul, meu biolocus geostórico e epistemológico. Proponho estabelecer uma teorização *outra* crivada na *diversalidade* (MIGNOLO, 2003) sobre o conceito de Escrivência (EVARISTO) subsidiada, essencialmente, pela Exterioridade e pela Fronteira (MIGNOLO). Para isso, minha discussão se assenta na Crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015) que corrobora os estudos da Crítica biográfica (SOUZA, 2002) e da Pós-colonialidade (MIGNOLO, 2003) além de “apresenta[r]-se e sustenta[r]-se como uma prática teórica que emerge do arrabalde [...] por ser capaz de, a seu modo, barrar a crítica migrante dos centros.”(NOLASCO, 2015, p. 53). Assim, minha prática teórico fronteiriça terá como ilustração as escrituras negras, como, por exemplo, de Conceição Evaristo e Frantz Fanon, uma vez que tal teorização de caráter sul-fronteiriço me respalda para ler melhor essa literatura.

Buscarei por uma teorização que emerge a partir da (MIGNOLO) fronteira geostórica, conceitual e epistemológica que vai além do que a epistemologia moderna acampou afim de (des)arquivar (DERRIDA) as histórias (bio)locais que foram suprimidas, excluídas e invisibilizadas por ela. O ocidentalismo encontrou na filosofia descartiana, que concebe como modelo universal o homem (ocidental), uma de suas razões de ser/estar, pois se trata de um movimento elaborado como forma de unificar identidade e, por conseguinte, atuar como parâmetro de existência. Essa ideia centralizadora excluiu e desprezou qualquer ser/saber/pensamento que não fosse o do “modelo”, visto que os saberes e sujeitos fronteiriços foram excluídos e ficaram de fora por destoarem do padrão moderno do sistema-mundo. Esse discurso hegemônico, moderno e colonial da ordem da interioridade, criou a exterioridade e relegou os sujeitos/saberes fronteiriços para este lugar, este beco/lugar de despejo marginal. Walter Mignolo afirma que a subordinação da geografia à história, na construção da modernidade, excluiu a importância das histórias locais sujeitando-as à história universal do Ocidente, assim, “ao restaurar-se o espaço restauram-se as histórias locais e diminui-se a ideia da dupla constante entre o Ocidente e o resto do planeta” (MIGNOLO, 1998, s/p).

Nesta perspectiva, entendo que restabelecer as histórias locais torna-se um ardil para transcender ou ir “além” do ocidentalismo e pensar pós-ocidentalmente e/ou pós-criticamente a partir da fronteira-sul. Pensar “a partir de”(MIGNOLO) implica à geostória abordada de uma maneira mais global e também às histórias locais que, por sua vez, levam em consideração as especificidades e o *bios* do sujeito fronteiriço (do corpo), uma vez que, o que separa a fronteira/margem do centro são as diferenças coloniais. Diferenças estas que a visão hegemônica e imperial do pensamento moderno usa como pretexto para (des)classificar, ignorar e excluir os corpos fronteiriços e seus saberes, tomando assim a margem como objeto de estudo pelo qual pode pensar e falar em seu lugar. Vale ressaltar que a proposta desenvolvida neste trabalho é pensar a partir de histórias locais nas quais o meu *bios* está imbricado, ou seja, a

partir da fronteira-sul, do Brasil, de Mato Grosso do Sul, mais especificamente, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

A justificativa e a relevância de minha pesquisa se dão embasadas na necessidade de uma epistemologia produzida a partir de um lócus geostórico específico (a fronteira-sul) de realizar uma teorização conceitual acerca do conceito de *escrevivência*. Essa necessidade foi evidenciada nos dois últimos anos de pesquisa em que me debruçei a refletir, argumentar e teorizar embasada em “uma prática teórica daqueles que se opõem ao conceito racional e asséptico de teoria e conhecimento, teorizando, precisamente, a partir da situação na qual foram colocados” (MIGNOLO, 2003, p. 157). *Escrevivência* é um conceito cunhado pela intelectual e escritora mineira Conceição Evaristo para se referir a sua própria escrita e à escrita de outras mulheres negras. Segundo Evaristo, a *escrevivência* “é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva” (EVARISTO *apud* LIMA, 2017, s/p); assim, nas palavras da intelectual Conceição Evaristo:

[A *escrevivência*] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma *escrevivência*, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha *escrevivência* e a *escrevivência* de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de *escrevivência* (EVARISTO *apud* LIMA, 2017, s/p).

Nesse sentido, a *escrevivência* pode ser entendida como um conceito criado pela escritora para definir ou nomear a “escrita de si” ou auto(biografia)ficção da mulher negra na literatura brasileira. Entretanto quero pensar a *escrevivência do corpo(política)fronteiriço* enquanto uma desobediência epistêmica em que o sujeito opta por “desaprender, e aprender a reaprender” (MIGNOLO, 2008, p.305). Posto isto, entendo que as escrituras negras são pertinentes para ilustrar minha teorização. A exemplo de Frantz Fanon, um dos pensadores negros mais importante do século XX, que finaliza seu livro *Pele negra máscaras brancas* (2008) com uma frase a qual identifica como sua última prece: “Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!”(FANON, 2008, p. 191), posso dizer, que o clamor de Fanon ecoa também nos corpos fronteiriços e que a *escrevivência do corpo(política)fronteiriço* é a resposta para esse clamor.

## Referências

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. de Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães – Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Trad. Sob a direção de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008.

FOUCAUL, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAUL, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

LIMA, Juliana Domingues de. NEXO – Jornal digital. “Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’”. Disponível em:

<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 18/03/2018.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. “Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina”. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo (editores) *Teoría sin disciplina: (latinoamericanismo, poscolonialidade y globalización em debate)*, 1998, s.p.

MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: Cadernos de Letras da UFF. Niterói, n. 34. 2008. p. 287-324.

MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (Antologia, 1999-2014) Barcelona: Edicions Bellaterra, 2015.

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIIS: Brasil/Paraguai/Bolívia*. v. 7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIIS: crítica biográfica*. v. 2, n. 4 Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 35-50.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. Corpos bugrescos esculpidos a machado. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (Orgs.). *Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.